

4468

Lucio Flavio Pinto

À luz do dia

Exposta à luz do dia, Serra Pelada causa um forte impacto. Nenhum auditório consegue conter essa reação do espanto e perplexidade. Ontem ela se repetiu, no auditório do Banco da Amazônia, durante uma das palestras do encontro dos engenheiros. As fotos do garimpo são sempre chocantes: aqueles milhares de homens, envolvidos na atividade de roer o chão e carregar terra para fora daquele grande buraco, que abriram com suas próprias mãos, parecem seres antediluvianos. Lembram as cenas de construção das pirâmides do Egito ou de edificação dos jardins suspensos da Babilônia, obras que usaram intensamente mão-de-obra, sob condições que só a escravização poderia manter.

Os defensores de Serra Pelada reclamam que esta é uma maneira distorcida de encarar o garimpo, deixando-se levar pelo emocionalismo da aparência chocante. Sugerem que, no fundo, o homem está melhor servido naquele ambiente medievalesco do que nas suas terras de origem. É quase verdade: um habitante da baixada maranhense ganha por dia, em Serra Pelada, o que levará um mês para receber nas frentes de obras da seca, abertas para evitar que ele morra biologicamente.

Esta, porém, não é a maneira mais adequada de avaliar os benefícios do garimpo: seria melhor tentar comparar o que fica retido pela grande massa ali empregada ao que é desviado pelos canais de sucção de riqueza e de manipulação de vontades. Euclides da Cunha disse que o seringueiro trabalha para se escravizar. Poderia aplicar a frase ao garimpeiro e outras tantas categorias trabalhadoras, que são usadas como instrumento a serviço do enriquecimento de outros nesta vasta Amazônia.

Pode-se aceitar que a visão transferida à sociedade é exacerbada pelos interesses daqueles

que a veiculam. Não será agradável aos geólogos que os garimpos os dispensem do processo produtivo, seja de conhecimentos ou do produto final, o minério. O enfoque deles tenderá ao viés por força de sua própria formação profissional. Nem por isso devem ser rejeitados, como liminarmente suspeitos, os dados concretos que apresentam. Vários deles — e substanciais — foram expostos ontem.

Usando estatística que às vezes precisam ser melhor ponderadas, os conferencistas mostraram a concentração dos rendimentos obtidos, fazendo com que 95% dos que trabalham em Serra Pelada tenham acesso a apenas 18,9% da renda. A parcela de produtores autônomos é extremamente diminuta em comparação com o universo total: a grande maioria simplesmente vende sua força de trabalho, sem direito às mínimas garantias já conquistadas por outros assalariados. Além disso, as precárias condições de trabalho provocam uma alta rotatividade da mão-de-obra: quem é obrigado a sair, leva consigo um conjunto de seqüelas que afetará seu rendimento em outras funções.

São muitas e gritantes as distorções de Serra Pelada. O mais espantoso, porém, é o próprio "modelo" ali implantado durante 40 meses. Extrapolando sua função de órgão de informações da Presidência da República o SNI tornou-se agente executivo para tomar conta de Serra Pelada, em maio de 1980. Como coordenador dos demais órgãos governamentais que lá passaram a atuar, "criou um modelo centralizador, autoritário e sem controle superior, o que facilitou os desmandos, a corrupção e as arbitrariedades contra a população local, além de atrelá-lo a esquemas políticos pessoais", conforme as palavras do geólogo João Bosco Pereira Braga.

Bosco mostrou que, por pressão do SNI, cada órgão do governo exorbitou de suas funções institucionais: o DNPM, além de atuar no seu campo técnico específico, era obrigado a fiscalizar os preços de mercadorias e a controlar vôos. Quem não acatasse as ordens era punido, como ocorreu com um diretor local dos Correios, demitido sumariamente. Serra Pelada transformou-se em "verdadeiro protetorado". Pela primeira vez de público, diante de um auditório seletivo, esse gueto foi descrito com minúcias.

Parecerá aos homens da "velha ordem" que se trata de uma simples revanche, qualificativo que serve para etiquetar e anatematizar as revisões exigidas pela sociedade. Serra Pelada é uma delas. Afinal, durante mais de dois anos o SNI atuou clandestinamente no garimpo, sem que qualquer autoridade cobrasse o esclarecimento dessa estranha situação e foi-se embora sem prestar contas. O então coordenador, tenente-coronel (coronel, quando passou para a reserva) Sebastião Rodrigues de Moura, se declarava a serviço do Conselho de Segurança Nacional. Só às vésperas da eleição de 1982 revelou sua verdadeira identidade funcional: era mesmo agente do SNI, acobertado pelo vasto espectro da "comunidade de informações".

O SNI pode tentar justificar sua interferência numa questão que legalmente não lhe dizia respeito: naquela época, o Brasil estava sem reservas internacionais e precisava agonicamente do ouro para fazer lastro. Produzir ouro passou a ser um objetivo categórico, da segurança nacional. Assim surgiram pretextos para muitas coisas, até hoje mantidas à distância do esclarecimento público por sofismas. Chegou o momento de esclarecê-las. Para que, pelo menos, evitem grosseiras repetições no futuro.